



Adah

Poesia gritante

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Adah

Poesia gritante

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Adah

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Coordenadora editorial: Cassia Oliveira
Revisão do texto: Maciel Salles
Diagramação: Michael Douglas
Foto de capa: Yuri Teixeira Rocha
1ª edição – outubro de 2020

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Adah
Poesia gritante / Adah. -- São Paulo : Recanto das
Letras, 2020.
92 p.

ISBN: 978-65-86751-37-6

1. Poesia brasileira I. Título

20-3587

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

Penso que devo deixar aqui um abraço, um laço ou um beijo, desses que matam ou ao menos tentam matar as saudades, ao Ivan e à Tereza, meus pais. Mais nada...

Agradecimentos

Agradecer se torna tarefa muito difícil quando tenho tantos nomes a citar, pelo tanto de apoio, incentivo e até mesmo chacoalhadas que recebi até hoje. A vida em si é de vital importância para meus rabiscos. Histórias e acontecimentos contados pelos meus pais, apoio dos filhos, esposo, irmãs e amigos que fiz no Recanto das Letras que me impulsionaram com gestos e palavras de carinho a cada poema. Sou muito grata a todos porque vocês acreditaram na minha poesia.

Sumário

Prefácio	8
Poesia gritante, essa maldita poesia!	11
Poesia gritante, não, não chega!!	12
Poesia gritante, e não poderias calar-te?	13
Verso sem nome	15
Un sogno meno male	16
A tosca	17
Recentemente	18
Canções	20
Sobre o que é	21
Mais nada...	22
Quase estação	23
Brevidades...	24
De pedra...	25
Perjúrio	27
Sobre o que havia na caixa	28
Hirto	29
Partido	30
Sobre o que não ficou	31
Dramas e versos	32
Um segundo	33
À minha mãe	34
Desenconto	36
Desnorteado	37

Sobre o que acontece	38
Invisível	39
En passant	40
Primazia	41
Poema submerso	42
Casulo	42
Desmedido	43
Dos contos que contas	44
Insuportável	44
Meios	45
De arte	46
Meio a meio	47
Una	48
Contraditório	49
Torpor	50
Poema de canto	50
Poema em ponta	51
Poema quase corrente	52
Naturezas mortas	53
Série poemas escondidos: Feitiçarias	54
Ensaio improvisado sobre a saudade	55
Pretérito muitíssimo imperfeito	56
Pretérito muitíssimo imperfeito II	57
Poema ocorrido, da série poemas escondidos	58
(Des)apontamentos	59
Poesias...	60
Da coragem de ser covarde	61
A louca	62

Sobre o que diria de meus silêncios	63
Trajetos	64
Sonoras divagações	65
Claro tiro no escuro	66
Desgosto	67
Tarde	69
Rond de jamps	70
(Sobre)vivências	71
Tristesse	72
Outonal	73
Invernado	74
Sem rosto	76
Antes que chova	77
Melodioso	78
Avessos	79
Observâncias	80
Desprendimento	81
Adah(ptação)	81
Que penses!	83
Afirmações sobre o que não sei	84
Sobre o que teria sido	85
Sobre tudo que quiseres	86
A dor que vi	87
Um pouco de tudo	89
Bailarina-passarinho	90
Obscure	91

Prefácio

Aceitei a incumbência de prefaciar este belíssimo livro de poesias da Marta Rocha (pseudônimo Adah). Não sou poeta, muito embora sempre desejei entornar no papel tudo aquilo que ia em meu coração, em versos, porém nunca consegui efetivamente. Apesar disso, tive o privilégio de ter uma irmã poetisa, e Martinha (como é carinhosamente chamada pelos familiares) também realizou, de certa forma, o meu sonho.

Marta reúne aqui 76 poemas capazes de provocar no público leitor, certamente neste labirinto de palavras, uma profunda reflexão. A poetisa, com elegância e sensibilidade, nos revela versos leves que se abrigam em nós com reciprocidade, que nos possibilitam mergulhar na calmaria, outras vezes na tormenta das palavras, sem o medo de nos afogar na poesia. Porque poema é discurso, é palavra que não deteriora com o tempo, ao contrário, renova, impulsiona, vivifica, porque poesia é doçura, grandeza, deslumbramento, angústia... E tantas vezes nos identificamos, como se fosse o eco de nós mesmos.

Marta Valéria Campos Teixeira Rocha nasceu em 30 de novembro de 1962 na cidade de Campos dos Goytacazes. Filha de Tereza Campos Teixeira, costureira, e de Ivan da Silva Teixeira, ferroviário, viveu uma infância tranquila com seus três irmãos na cidade do interior do estado do Rio de Janeiro.

A perda, um de seus temas mais constantes, se deu muito cedo em sua vida com a morte de seu irmão Luiz

Carlos e muito jovem teve que aprender a lidar com a morte de alguém tão próximo e um amigo insubstituível. Com o pai havia uma relação de proximidade muito grande e sofreu tanto a sua partida devido a um câncer, o que afetou bastante sua escrita, chegando a ficar sem escrever durante cinco anos.

Muitos dos seus versos têm como cerne sua mãe, com quem vivenciou dias difíceis, já que esta era portadora de Alzheimer e que nos seus últimos anos não conseguia reconhecer sua filha.

Casou-se aos 21 anos e teve três filhos: Larissa, Yuri e Sarah, que tiveram grande influência na temática de muitos dos seus versos.

Ainda muito pequenina, demonstrava uma inclinação para a vida religiosa, quando havia um profundo desejo de ser freira. Frequentava assiduamente a igreja e um dia confessou que usar o véu a aproximava de Maria. Recentemente, num dos grandes momentos de sua vida, recebeu a consagração à Nossa Senhora segundo o método de São Luís Maria de Grignon de Montfort, e dessa forma consolidou ainda mais o seu estilo de vida solitária.

Desde pequena manifesta seu gosto pela poesia. Lia avidamente tudo que encontrava e chegava a ser repreendida pela mãe, já que, mergulhada no mundo dos livros, esquecia de cumprir as tarefas da casa estabelecidas por ela. Teve uma educação rígida e desde criança dizia que o gosto por estudar se encontrava no prazer dos momentos de leitura. Muito cedo conheceu o texto da sua poetisa preferida, Cecília Meireles, a qual foi uma paixão à primeira vista. Na identificação com seus versos, enxergou sua timidez na de Cecília e encontrou na introspecção uma forma de viver.

Durante muitos anos seus escritos ficaram guardados e não os mostrava a ninguém, parecendo viver num mundo seguro. Mais tarde, incentivada por familiares, começou a publicar seus textos poéticos na escrivania do Recanto das Letras e só então as pessoas puderam conhecer seus belíssimos versos e, dessa forma, se tornou conhecida por uma forma melódica, intensa e intimista. Sua poesia aborda temas frequentes como a passagem do tempo, infância e a solidão, já que estes temas foram condições essenciais para a vida da escritora.

Ela ama a noite, silêncio, chuva e inverno, todos combinando perfeitamente com a timidez que é seu primeiro nome.

Não existe em seus poemas um rigor métrico, sendo seus versos livres, porém repletos de musicalidade. Em sua maioria existencialistas, seus versos abordam a transitoriedade da vida e, apesar da delicadeza das palavras, uma certa dose de melancolia que alicerça o seu texto.

Eleonora Campos Teixeira e Nascimento

Formada em Letras pela FAFIC/Campos dos Goytacazes – RJ, fez especialização em Literatura Brasileira pela PUC-MG. É doutora em Cognição e Linguagem pela UENF/Campos dos Goytacazes – RJ.

Poesia gritante, essa maldita poesia!

E outra vez meu pensamento grita
E 'inda mais poesia habilita
E outra vez meu pensamento quer libertar-se
Rasgar minh'alma ao meio
Desgraçar-me por inteiro...

Ah, letra minha que se deita sozinha!
Me desalinha...
Letra que trai-me comigo
E deita ao meu lado
E me olha... tão minha...
E me acarinha o rosto com as mãos cheias de tinta
E sopra aos meus ouvidos o que finjo querer que ela minta
E diz aos meus poucos ventos
Meus tantos lamentos
E se cala quando amanhece o dia...

Ah, bendita maldita poesia!
Que me alicia
Me vicia
Meu ar
Meu par
Poesia mi'a!

Poesia gritante, não, não chega!!

Se chega,
Onde então meu amor esconderia?
Se escondo em letra o que me mataria
Se deponho em ti o que sobrou de mim

Se chega,
Onde hei de esconder minha poesia?
Se já não cabem em minhas mãos tantos versos
E me pesam como um milhão de universos

Se chega,
Então não mais te vais?
Tornarás?

Se chega destes meus dois mundos,
Quê então eu faria?
Andaria em voos ainda mais insanos
Sem deitar nenhum de meus planos?

Se é em meu risco que escoo toda a minha loucura
Se o risco é, pois minha cura...

Não!
Não chega de poesia, meu amor!
Não chega de amor, minha poesia!

Só respiro este ar sufocado
Misturado à fumaça do cigarro
Em letra e amor
Numa floresta inteira de papéis deitados
E depois amassados

Manchados de café, suor e dor
Por uma parte de mim renegados
Por outra sustentados

Sei,
Um dia lerdo sono sentirei
E dormirei outro 'inda mais desvalido
Por tamanho peso vencido

Mas ora inda é cedo,
Ora amo o que deito
Porque deito o que amo...

Poesia gritante, e não poderias calar-te?

E se me digo alma pela vida traída
Retraída
Não há em mim o que se ressent

Abrigo em meus silêncios meus gritos
E renovo-me em seus labirintos
'inda mais famintos
Com iguais instintos

Meu silêncio m'escuta
Me perscruta
E meu grito só quer deitar...

E se me digo poeta
Meu vociferante silêncio me completa
E 'inda que a ti não valha
É fio de navalha

Por um meio-verso daria uma vida inteira
Ou uma poesia de minh'alma cheia
Que me toma e me dá!

E se assim não fosse
Não seria o verso maldito
Nem bendito
Nem verso...

Se não fosse
O que de mim seria?

O verso me constrói e m'esmaga
O verso me deflagra
E escapole em cápsula o que havia
E fica num canto caído
Escondido
Deitado como um feto egoísta
Visando 'inda mais ser protegido

E este meu verso daria uma vida
Mas tu não saberias
Porque meu verso grita, mas é mudo
Ou és tu o surdo...

Verso sem nome

É pois este canto meu cristal mais molhado...
Um canto não nomeado
Como no escuro fosse mergulhado
Um momento congelado...
Dum longínquo tom violáceo incrustado

É pois o que sinto tristeza não escolhida
Que fica em meu olho escondida
E não há riso que possa levar meu pranto
E não há pranto que leve esta estranha beleza
E não há beleza que encante meu canto

Meu desencanto...

Habita meu peito o mais genuíno lamento
E nele coabita esta única certeza
O que aflige e acalma estranhamente meu pensamento

É pois este lamento meu momento mais sufocado
No contido verso embrulhado
Em silêncio deitado
Em som mudo, apertado...

É minha vontade de uma absurda leveza
E se me escondo em meu verso, é esta minha defesa

Un sogno meno male

Amores são dores perenes?
Eternamente doentes?

Que se dirá do efêmero?
Tenho infindáveis inquirições...
Acordo e durmo flutuando em interrogações

Não sei de mim
Nem do fosso escondido
Será o próximo passo o perdido?

Neste instante meu desejo é de morte
Mas não digo de corpo inumado
Pois isto não quero!
Habito já em sepulcro velado

Digo dum sono perpétuo
Tal infante conto
Digo dum sono de sonhos

Un sogno senza grandi finale
Un sogno meno male...

Em *Poesia gritante*, há dias em que a poetisa acorda com a alma chuvosa, noutros reconstrói manhãs de sol. O eu poético se despe num grito que rasga a alma e se entrega transluzente, possibilitando ao leitor desvelar a poesia em sua forma mais pura. Sua poesia é atemporal, revestida de versos livres, extremamente introspectivos. Seus versos compostos de neologismos e despreocupados com a métrica designam histórias familiares, circunstanciais, de uma movimentação multifacetada, fazendo da poesia algo transformador e profundamente subjetivo. A autora dialoga com seus sentimentos com muita consciência e lucidez, levando o leitor a se identificar com seus versos numa comunicação poética.

No poema que deu nome a esta coletânea, a poetisa afirma de forma metafórica:

Ah, bendita maldita poesia!

Que me alicia

Me vicia

Meu ar

Meu par

Poesia mi'á!

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

